



u m p o u c o s o b r e
O L I V R O
[e n s i n o m é d i o]



O T O R E I F S C H N E I D E R



panorama
das artes do livro
no DF
2014

Esta cartilha está disponível para download no site www.indexdf.com.br, sendo vedada a reprodução do todo ou parte da obra para fins comerciais.

Projeto Index: panorama das artes do livro no DF (2014)

Produção executiva

OTO DIAS BECKER REIFSCHNEIDER

Coordenação editorial e coleta de dados

NAIARA LEÃO

Assistentes de coleta de dados

ANNA MARIA AMORIM e TAINÁ XAVIER

Coordenação administrativa e produção

CHANG PRODUÇÕES

Design

SARA SEILERT e YURI COPPE

Ilustração

ISABELA RIBEIRO COUTO

Fotografia

EMÍLIA SILBERSTEIN e ÁDON BICALHO

Oficinas

BRUCE LOBO

Assistentes de oficinas

NAIARA LEÃO e PEDRO MUSSOLINE

Assessoria de imprensa e revisão

PEDRO BRANDT



I N D E X

panorama
das artes do livro
no DF

2014

Apoio:



Apresentação:



Secretaria
de Cultura



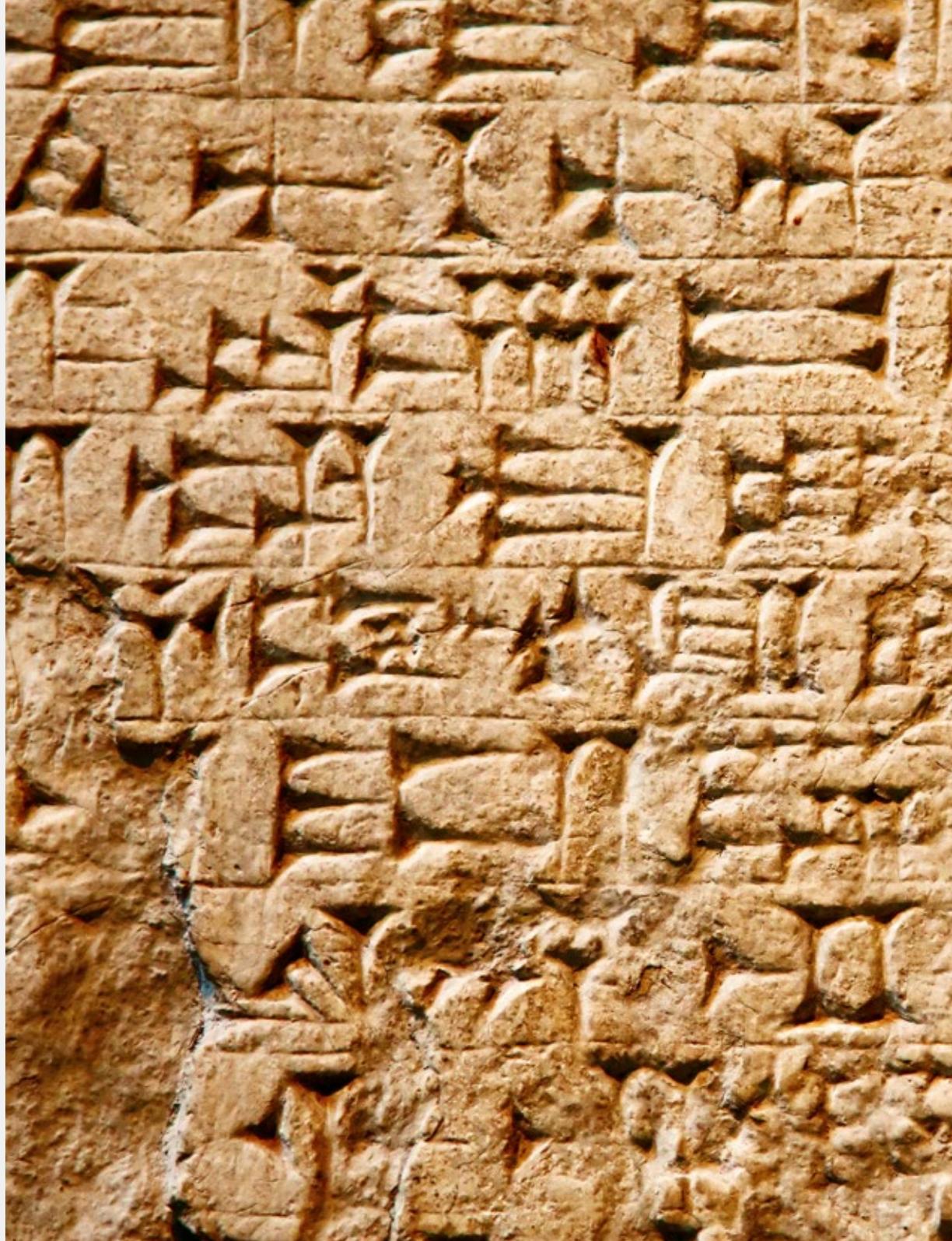
B R E V E H I S T Ó R I A D O L I V R O

Para falarmos da história do livro, é preciso começar com a invenção da escrita, ocorrida em regiões do Oriente Médio e da África. A primeira forma de escrita surgiu na Suméria, por volta de 3200 AC. Ela se transformaria na escrita cuneiforme, ou seja, escrita em forma de cunha, por conta dos instrumentos utilizados. Os hieróglifos egípcios surgiram também na mesma época, mas sua origem precisa ainda ser melhor estudada. Sistemas diferentes foram desenvolvidos de forma independente em diferentes regiões, como na América Central, com os Olmecas, e na China. O estudo das origens da escrita, aliás, é ainda um campo aberto, novas descobertas certamente nos esperam.

Os sistemas mais antigos de escrita eram pictográficos, desenhos representavam o que retratavam, fossem objetos ou conceitos. Esses sistemas foram elaborados e depurados por séculos. Com o passar do tempo, surgiram sistemas de escrita fonéticos, nos quais os sinais representavam sons – caso do nosso alfabeto.

Da escrita ao livro, no entanto, foram mais alguns milênios de desenvolvimentos. Os textos sumérios foram escritos em argila, os egípcios em rolos de papiro e o pergaminho começou a ser

Escrita cuneiforme (Suméria)





utilizado no terceiro século antes de Cristo. O formato de livro – chamado *codex* – só começou a substituir os rolos por volta do terceiro século, na mesma época em que o cristianismo se torna a religião oficial do Império Romano. Apesar do papel ter sido inventado na China, há dois milênios, foram precisos mil anos até que chegasse ao Ocidente, por intermédio dos árabes. Antes de chegar ao Ocidente, o papel já era utilizado na China para fazer saquinhos de chá e até mesmo como papel higiênico! A principal revolução europeia em relação ao papel foi a mecanização de sua produção, com a utilização de moinhos d'água.

Entre todas as inovações e invenção aqui citadas, a mais famosa de todas é a invenção do prelo por Johannes Gutenberg, que abriu a era da industrialização do livro. Antes disso, as obras eram copiadas a mão por monges no *Scriptorium*. É sempre importante lembrar que a revolução de Gutenberg, considerada um marco, não é uma quebra na história, não surgiu do nada: ela está inserida num fluxo de mudanças e avanços tecnológicos. O prelo de tipos móveis de Gutenberg foi terminado por volta de 1450. Os chineses e japoneses há muitos séculos já utilizavam prelos, mas suas impressões eram a partir de matrizes gravadas de madeiras, cujas partes não eram reutilizadas como na invenção de Gutenberg. A velocidade com que essa invenção se propagou pela Europa foi tremenda: em cinquenta anos, mais de 250 cidades já tinham prelos do gênero e por volta de 27 mil edições estavam circulando – eram milhões de livros.

Hieróglifos egípcios

Ao longo dos séculos, os processos de impressão foram sendo melhorados. A reprodução de imagens começou com gravuras em madeira (xilografuras), passando para gravuras em metal e depois para a litografia, que seria a base conceitual para o desenvolvimento do processo de offset. A Revolução Industrial deu um impulso ainda maior à mecanização da impressão, como no caso das máquinas rotativas, mas seria apenas com o computador que uma nova revolução se daria no mundo da escrita – nós estamos vivendo essa revolução, este mesmo é um livro digital, ou seja, não existe uma versão impressa dele!



Prelo de Gutenberg (acima)

Sistema industrial de produção de livros (à direita)



O LIVRO NO BRASIL

Durante o período colonial, a circulação de livros era restrita no Brasil e a publicação proibida. O Brasil fazia então parte do Império Português e Portugal queria restringir o máximo possível o ensino e a circulação de ideias em território brasileiro: uma colônia desinformada, ignorante, era uma colônia obediente.

Foi apenas em 1808, com a chegada da corte no Brasil, que foi gradualmente implementada a imprensa por essas bandas. Logo seríamos independentes, mas apenas no século seguinte a produção bibliográfica brasileira tomaria vulto. No início do século XX, alguns dos principais responsáveis pela divulgação do livro no país foram o escritor e editor Monteiro Lobato e o editor José Olympio – muito já foi escrito sobre eles. Conforme escolas e universidades foram se espalhando pelo país, a população cada vez mais instruída, o consumo de jornais, revistas e livros foi crescendo, a ponto de no final do século XX o Brasil ser um dos maiores mercados editoriais do mundo!

Capa da primeira edição de "A menina do narizinho arrebitado", ilustrado por Voltolino. Publicado em 1920 por Monteiro Lobato, é um marco da literatura infantil brasileira.



INDEX : O LIVRO NO DISTRITO FEDERAL

O Distrito Federal, apesar de recente, é sede da capital, Brasília, e por essa razão tem um altíssimo índice de escolaridade. De fato, o DF é a unidade federativa com mais alto grau de escolarização do país, tendo também o maior índice de desenvolvimento humano e o maior PIB per capita.

Ao longo de 2014, estudamos no projeto *Index* o mundo do livro no DF. Não todo o mundo do livro, tínhamos um recorte específico: fazer um levantamento das pessoas e empresas que trabalham com o livro como um objeto, de forma artística ou artesanal (não fizemos essa distinção). Uma das ideias do projeto é justamente a de apresentar a alunos os campos de atuação possível na área. Não precisamos – nem podemos – ser todos médicos, engenheiros e advogados. Com o livro o leque de atuação é amplo: pode-se trabalhar com as mãos – ser encadernador; com obras antigas – ser conservador, restaurador e livreiro; com a criação de novas obras – ser editor. As possibilidades são muitas!

	Profissionais, colecionadores e empresas mapeadas		148
	Não concederam entrevista		50
	Pessoal total envolvido		807
	Movimentação financeira*		R\$ 49.669.400
	Não informaram valores		46
	Tempo de mercado		
	Até 5 anos	32,83%	44
	De 5 a 10 anos	17,91%	24
	De 10 a 15 anos	17,91%	24
	Mais de 15 anos	30,59%	41
	Não informou	0,09%	1
	Escolaridade		
	Pós-graduação	15,2%	26
	Superior	55,2%	94
	Ensino médio	21,6%	37
	Ensino fundamental	1,7%	3
	Não informaram	5,8%	10
	Mantém site na internet		
	Sim	61%	82
	Não	39%	52
	Quais?		
	 Facebook	59%	52
	 LinkedIn	17%	15
	 Flickr	7,9%	7
	 Instagram	6,8%	6
	 Twitter	5,6%	5
	 Behance	2,2%	2
	 Pinterest	1,1%	1

*Referente à receita anual bruta ** Dados de profissionais e sócios de empresas

LOCALIZAÇÃO DOS PROFISSIONAIS



Este infográfico serve apenas para visualização dos dados da pesquisa. Os endereços dos entrevistados não estão indicados com precisão. Não estão indicados bibliófilos ou profissionais e estabelecimentos que atuem exclusivamente por meio da internet.

PROFISSÕES DO LIVRO

CONSERVADOR E RESTAURADOR

Os profissionais de conservação e restauro atuam na preservação de obras e acervos. Os fatores que levam à deterioração de um livro vão desde a ação do tempo – como calor e umidade, de insetos, da utilização inadequada por leitores, ou mesmo pela falta de manuseio prolongada, fazendo com que os volumes concentrem acidez em seu cerne e precisem de um cuidado mais especializado. O pessoal de conservação trabalha na higienização de acervos e com pequenos reparos, já os restauradores executam trabalhos mais elaborados, como recomposição de papel – no caso de perdas de material – e execução de encadernações de época.



*Carlos Eduardo Reis Barros, restaurador de livros da Câmara dos Deputados (acima)
Higienização de manuscrito (abaixo)*

DESIGNER

Designers são responsáveis pela identidade visual de um projeto gráfico de um livro, incluindo a escolha de tipos, a diagramação, o papel. Hoje em dia quase todo o trabalho do designer é executado com a utilização de programas de computador de tratamento de imagens e diagramação, entre outros.

Felipe Cavalcante, designer, ilustrador e editor



EDITOR

Editores decidem o que e como publicar. Eles selecionam os livros que lhes parecem mais promissores, entre os que lhes são encaminhados, ou mesmo encomendam obras a pesquisadores e escritores. São responsáveis pela contratação de ilustradores, designers e impressores, entre outros profissionais, para que o livro saia como desejado. Editores são, frequentemente, especializados, trabalhando em uma ou algumas linhas temáticas: poesia, engenharia, direito, arquitetura etc. Grandes editoras contam com profissionais especializados por desenvolver cada uma das linhas de publicação da empresa.

Briquet de Lemos, editor e livreiro



ENCADERNADOR

Hoje em dia, os livros já são produzidos com encadernação própria, mas a história nem sempre foi assim. Até meados do século XIX, muitos livros eram vendidos sem encadernação, e, ou o livreiro, ou o comprador, decidiam se e como encaderná-los. Hoje, o serviço de encadernação é utilizado em uma de três instâncias: para dar nova vida a um exemplar extremamente desgastado, para dar um cunho artístico/individual a um volume, ou para dar estrutura a livros e escritos impressos de forma amadora, como teses e dissertações.

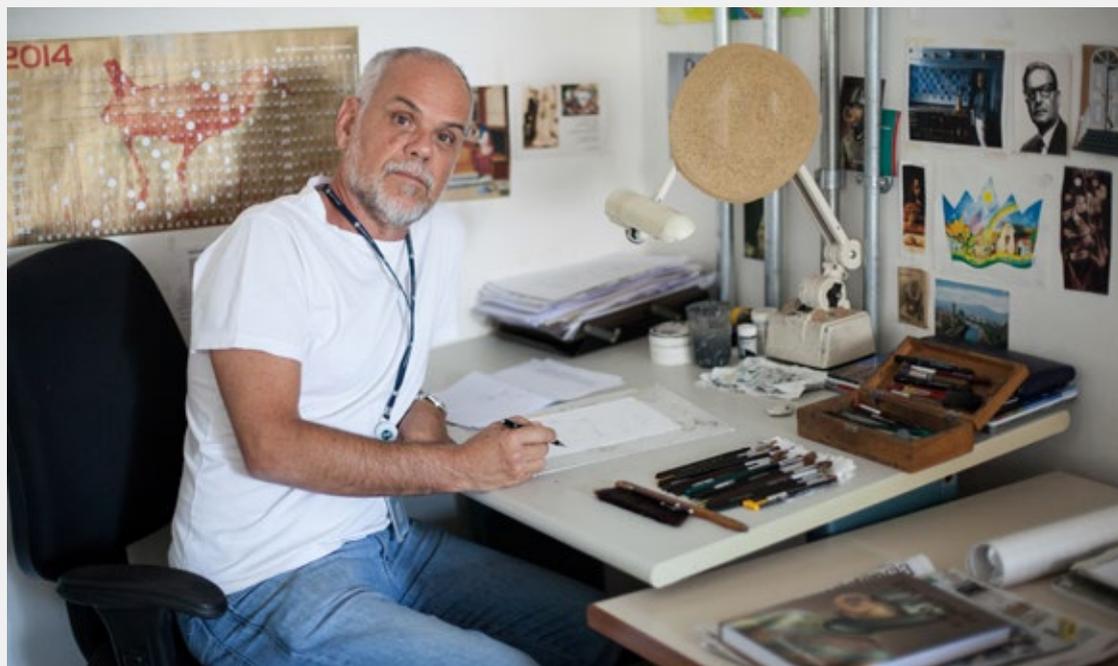
Cadernos produzidos pelo ateliê Detudoumpouco



ILUSTRADOR

A ilustração é feita usualmente após a escrita do livro, de forma complementar ao texto. Por vezes apenas a capa é ilustrada – esse é o caso de muitos livros teóricos, mas livros infanto-juvenis e didáticos costumam ser fartamente ilustrados. O ilustrador trabalha tanto com técnicas tradicionais, como nanquim e aquarela, quanto com programas específicos.

Fernando Lopes, ilustrador



IMPRESSOR

O impressor é responsável por materializar o livro: uma vez escrito, revisado, ilustrado e editado, o livro é enviado para o impressor. Existem vários processos possíveis de impressão, mas os dois mais utilizados são o offset (uma evolução da litografia) e a impressão digital (por laser ou jato-de-tinta). Nesse segundo processo de impressão, o segmento “sob demanda” tem se expandido cada vez mais.

*Emerson Dayahn e Sérgio Henrique Rodovalho,
proprietários da Mais Soluções Gráficas*



LIVREIRO

Existem livrarias de obras usadas, livrarias especializadas – em arte, em direito – e livrarias sem escopo específico, abrangentes, como as de redes nacionais, presentes em shoppings. As livrarias são responsáveis não apenas pela venda e circulação de obras, mas elas cumprem também um papel social, informando e instruindo o público de uma forma geral.

*Francisco Joaquim de Carvalho – “Chiquinho”,
proprietário da Livraria do Chico*



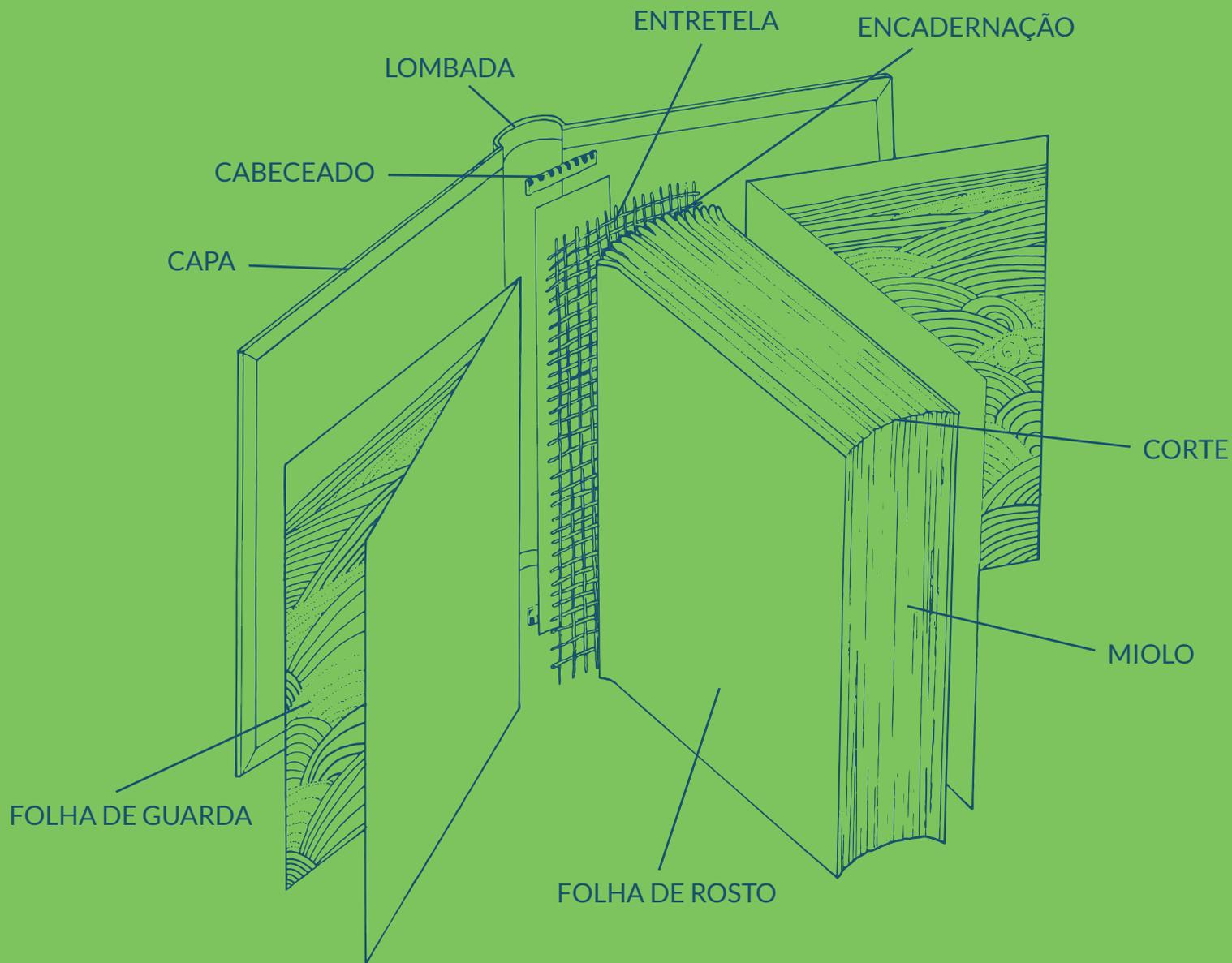
PAPELEIRO

Papeleiros são pessoas que elaboram papel de forma artesanal. Os materiais utilizados vão desde folhas de plantas como bananeira e agave, até roupas antigas e mesmo papéis descartados. Esses papéis são muitas vezes de qualidade superior ao elaborado industrialmente. Eles são utilizados em artesanatos, na confecção de cadernos e na encadernação de livros.

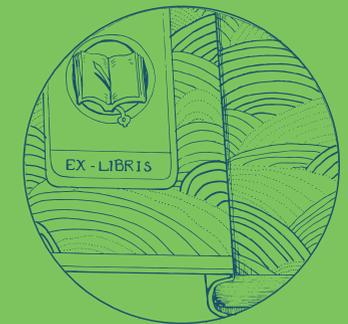


*Ana Maria Romeiro, papeleira proprietária da Papeleco (acima)
Cadernos produzidos com papel artesanal
pela Equipe do LEME / UnB (abaixo)*

O LIVRO: PEQUENO GLOSSÁRIO



DOURAÇÃO



EX LIBRIS



ILUSTRAÇÃO

ABA: também chamada de orelha, é a parte interna da sobrecapa, que a segura no livro.

ANVERSO: parte da frente da folha, oposto de reverso.

BIBLIÓFILO: colecionador de livros, apreciador de suas características físicas e raridade.

BIBLIOGRAFIA: estudo e descrição de livros, de determinada área e/ou período. Pode ser descritiva e também analítica.

BONECA: bola de algodão recoberta de pano utilizada tanto na impressão de gravuras, quanto na encolagem no processo de encadernação.

BROCHURA: tanto pode significar uma obra com capa flexível, quanto um opúsculo, ou obra com poucas páginas.

BRUNIR: lustrar ou polir.

CADERNO: conjunto de páginas de um livro, tradicionalmente feito a partir de uma única folha de papel, por meio de dobraduras.

CANTONEIRA: reforço do canto de capas, feito de diversos materiais – metal, couro, pano.

CAPISTA: profissional responsável pela elaboração de capas de livros.

CELULOSE: principal componente da madeira utilizado na fabricação de papel.

CERA: material usado para conservar o couro de encadernações. Pode ter origem vegetal, como a cera de carnaúba, ou origem animal, como a cera de abelha.

CLASSIFICAÇÃO: método de organização de livros e documentos, de acordo com seu conteúdo.

CLICHÊ: placa de metal em negativo para reprodução de imagens, funcionando como um carimbo.

CODEX: termo romano para tábuas recobertas com cera ligadas por cordão, em formato de livro; códice

COIFA: extremidade superior (cabeça) e inferior (pé) da lombada de um livro encadernado.

COLOFÃO: informações acerca da edição que constam no final do volume; cólofon.

CORTE: cada uma das três facetas do livro, fora a lombada. Por vezes os cortes são aparados e até mesmo embelecidos.

COSTURA: forma de unir os cadernos. Há inúmeros procedimentos distintos de costura.

COURO: material utilizado para encadernar livros, obtido a partir da pele de animais curtida e tratada. Pode ser de bezerro, cabra e porco, entre outros.

DIREITO AUTORAL: propriedade intelectual pertencente ao autor ou herdeiros. O material de livre acesso, cujo direito autoral já expirou – a legislação varia de país a país, é dito de domínio público.

DOURAÇÃO: processo que tradicionalmente utilizava ouro para decorar a lombada de um livro com informações básicas como título e autor, além de ornamentos.

ENCADERNAÇÃO: método de juntar os cadernos de um livro com costura/colagem, dotando-o de uma capa protetiva, seja ela de papel, pano, ou couro.

EX LIBRIS: marca de posse. Expressão latina que significa “dos livros de”, seguida do nome da pessoa, ou instituição, impressa em

carimbo ou utilizada como selo nos livros.

FILIGRANA: desenho ou marca em papel que pode ser visto em contraluz; marca d'água. Serve para identificar o produtor, a região e o período de produção do papel. É um indicador de qualidade.

FOLHA DE GUARDA: folhas encontradas no início e ao final de um volume com função de preservá-lo.

FORMATO: é tradicionalmente uma das características dos livros, que se dá pelo número de vezes que a folha de tamanho pleno foi dobrada para a obtenção de um caderno. O formato é indicativo do tamanho, mas não há um tamanho exato para um formato específico, já que as dimensões das folhas variavam de acordo com a fábrica de papel. Um in-fólio teve a folha dobrada apenas uma vez, um in-quarto teve a folha dobrada duas vezes, formando portanto quatro folhas, um in-oitavo teve a folha dobrada quatro vezes, formando oito folhas e daí por diante.

GRAMATURA: é o peso do papel em gramas por metro quadrado. Um papel muito fino, utilizado para a impressão de dicionários e bíblias, pode ser de 35 gramas, como no caso do Houaiss. Já para a impressão de uma gravura avulsa, pode-se utilizar um papel de até 300 gramas.

GRAVURA EM METAL: é, assim como “gravura em talhe-doce”, um termo genérico para uma gama de métodos de gravação e impressão de uma imagem tendo por base uma placa de metal, frequentemente de cobre.

HIERÓGLIFOS: os símbolos da escrita egípcia.

ICONOGRAFIA: estudo de ilustrações, imagens e seus significados.

INCUNÁBULO: diz-se do livro impresso até 1500, ou seja, dos livros impressos durante o período formativo da tipografia.

ÍNDICE: listagem de termos identificando-os em um texto.

INICIAL: a primeira letra de um texto. Era frequentemente de tamanho maior, trabalhada com esmero, seja com arabescos, figuras ou símbolos.

INTONSO: livro ou caderno que não foi aberto ou aparado.

ISBN: sigla para *International Standard Book Number*, ou “número padrão internacional do livro”. Os dígitos do ISBN indicam aspectos de produção da obra: língua, local, editora. Para periódicos a sigla é ISSN.

LIGA: mistura de metais para a fundição de tipos, usualmente chumbo, antimônio e estanho.

LOMBADA: lado da costura do livro, no qual usualmente consta o autor e título do livro.

MANCHA GRÁFICA, OU TIPOGRÁFICA: diz-se da parte impressa na página; a parte restante, ao redor, é a margem.

MARMORIZAR: técnica de embelezamento de papel, muito utilizada em encadernações.

MATRIZ: base de impressão, seja qual for o material utilizado.

MIOLO: páginas que compõem o livro, fora as capas.

NERVOS: antigamente, a marca na lombada devido à costura. Foram mantidos em encadernações contemporâneas apenas por uma questão estética, já que muito raramente os livros são costurados formando nervuras.

PALEOGRAFIA: disciplina que estuda escritas antigas.

PAPEL: produto composto por fibras vegetais. A gramatura, origem e pureza das fibras determinam as aplicações e longevidade do

papel. Há excelentes papéis feitos de trapo e também de casca de árvore, como amoreiras.

PERGAMINHO: suporte milenar para a escrita a partir de peles de animais – o importante era o processo de preparo. Além de resistente, era caro: para a escrita de um único livro poderiam ser necessárias peles de mais de uma centena de animais.

PIGMENTO: substância que dá cor, obtida com a maceração de elementos do reino animal (insetos, ovos), vegetal (resinas, cascas), e mineral (cobre, sal). Pela sua dificuldade de obtenção no passado, alguns pigmentos eram símbolo de grande riqueza, como o azul obtido com o lápis-lazúli afegão.

PH: indica acidez, ou alcalinidade, de um material. Na escala, que varia de 0 a 14, a acidez neutra é 7. O ideal para papéis é ser neutro ou ligeiramente alcalino, ou seja, pouco acima de 7.

PREFÁCIO: apresentação, prólogo, introdução de uma obra.

PRELO: prensa, máquina de impressão, inicialmente vertical e manual, com o tempo foi mecanizada.

PROVA: impressão a ser verificada e, se necessário, corrigida antes da impressão definitiva.

RARIDADE: grau de dificuldade de obtenção de uma obra.

REEDIÇÃO: nova edição, com alteração de conteúdo.

REIMPRESSÃO: nova tiragem, sem alteração de conteúdo.

ROSTO: primeira página relevante de um livro, com título, nome de autor, editora e maiores informações relevantes sobre a obra. Também chamada de folha-de-rosto, frontispício, portada.

SERIFA: ornamento de letra, remate das hastes. Nem toda letra

tem serifa.

SERIGRAFIA: conhecida também por seu nome em inglês, *silkscreen*, que significa “tela de seda”, é uma impressão por meio de retículas trabalhadas de forma mecânica ou química.

SOBRECAPA: folha avulsa para proteção da capa; camisa, jaqueta.

TIPO: caractere móvel para impressão.

TIRAGEM: quantidade de exemplares impressos de uma vez.

TRAÇA: inseto que se alimenta de papel, fios e demais materiais utilizados na feitura de um livro. Seu nome científico é *Lepisma saccharina*, ele é popularmente conhecido também como peixinho-de-prata, ou bicho-de-prata, por sua coloração.

VELATURA: processo de restauro no qual a folha de papel, devido à sua fragilidade, é reforçada de forma inteiriça por outra folha, usualmente fina e transparente.

VERSO: página par de um livro.

VINHETA: ornamento decorativo, pode ser tipográfico ou um clichê/gravura.

XILOGRAVURA: gravura que tem por matriz uma placa de madeira.



APOIO:

APRESENTAÇÃO:



Secretaria
de Cultura

